



Memórias do Cárcere: em busca da aguardente perdida

Memórias do Cárcere: In Search of the Lost Cachaça

Maurício Ayer¹

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

mauayer@gmail.com

Resumo: A aguardente tem um papel singular na narrativa de *Memórias do Cárcere*, livro em que Graciliano Ramos relata a sua experiência como preso político entre 1936 e 1937. A partir de uma leitura a contrapelo das passagens em que a bebida aparece, procurou-se analisar o lugar que ela ocupa na poética da obra, reconhecendo-a como diretamente associada à ativação da memória e da imaginação e como portadora de um certo “princípio de liberdade” que o autor paradoxalmente desejava enxergar na prisão. Neste contexto, os tensionamentos e distensões propiciados pela aguardente inserem-se em um processo permanente de ajustes éticos do narrador-personagem e dos modos de linguagem por meio dos quais o próprio eu se constitui. As análises foram realizadas recorrendo-se a autores como Baudelaire, Benjamin, Candido e Pessoa.

Palavras-chave: memória e testemunho; cachaça na literatura; memória e imaginação.

Abstract: The *cacheça* (a Brazilian distilled beverage made from sugar-cane) has a unique role in the narrative of *Memórias do Cárcere*, a book in which Graciliano Ramos reports his experience as a political prisoner from 1936 to 1937. From a counter-reading of the passages in which the beverage appears, an attempt was made to analyze the place that it occupies in the poetics of the work, recognizing it as directly associated to the activation of memory and imagination and as the carrier of a certain “freedom principle” that the author paradoxically wanted to find in prison. In this context, the

¹ Leciona literatura francesa na FFLCH/USP. Estuda a obra de Marguerite Duras, a dramaturgia francesa em seus diferentes momentos históricos, os encontros e atritos de literatura e música e, finalmente, os lugares da cachaça na literatura brasileira.

tensions and distensions produced by the cachaça are part of an unending process of ethical adjustments of the narrator-character and of the modes of language through which the “I” is constituted. The analyses were performed in dialogue with authors such as Baudelaire, Benjamin, Candido and Pessoa.

Keywords: memory and testimony; *cachaça* in literature; memory and imagination.

Para muita gente, a verdadeira perda do senso político está em se filiar a uma formação partidária, submeter-se a sua regra, sua lei. Para muita gente, também, quando falam de apolitismo, falam antes de tudo de uma perda ou de uma falta ideológica. Não sei, vocês, o que vocês pensam. Para mim, a perda política é antes de tudo a perda de si, perder sua cólera tanto quanto sua doçura, perder sua raiva, sua capacidade de sentir raiva tanto quanto a capacidade de amar, perder sua imprudência tanto quanto sua moderação, a perda de um excesso assim como a de um comedimento, perder a loucura, a ingenuidade, perder sua coragem assim como sua covardia, a perda de seu espanto diante de todas as coisas tanto quanto de sua confiança, perder seus prantos como sua alegria. É o que eu penso.

Marguerite Duras, *Les yeux verts*

A aguardente tem um papel singular na narrativa de *Memórias do Cárcere*, livro em que Graciliano Ramos relata sua experiência como preso político entre 1936 e 1937. A bebida, que acompanhou o escritor ao longo da produção de um romance recém-terminado, está diretamente associada à ativação da memória e da imaginação. Ela funciona como portadora de um certo “princípio de liberdade”, que o autor paradoxalmente (e não sem um ácido humor) enxerga na prisão, pois imagina que, longe dos problemas cotidianos no trabalho e com a família, lá haveria a quietude e a proteção contra as solicitações alheias de que necessita para escrever. O motivo do livro por escrever associado ao motivo da aguardente atravessa toda a obra, como teremos a oportunidade de observar.

Entretanto, a problemática tem raízes mais profundas. A discussão em torno da liberdade (e sua ausência) e dos modos como Graciliano conformará suas relações no cárcere toca o cerne do problema da ética, entendido como os modos pelos quais o eu se relaciona consigo mesmo, com os outros e com o entorno. Se a cachaça afeta a percepção de si, dos outros e do mundo ao redor, então deve-se compreender sua presença no

livro por meio de um estudo que considere a própria construção discursiva do narrador-personagem enquanto um “eu”, isto é, uma instância literária dotada de voz e que é a um só tempo sujeito e objeto de si mesma. Há que considerar, portanto, que os efeitos da presença da cachaça afetam as estratégias de linguagem por meio das quais o eu se apresenta, em processos que balancem entre a estabilidade e a transformação. Trata-se, pois, de ler o texto de Graciliano a contrapelo e procurar mostrar as relações entre a constituição discursiva do eu e a sua constituição ético-ideológica, tendo como objeto de especial atenção o tensionamento provocado pela presença da aguardente na situação do cárcere.

Antes de iniciar as análises, cabe colocar que é preciso não confundir o Graciliano Ramos histórico-biográfico com o Graciliano personagem de *Memórias do Cárcere* (MC), embora o último seja, evidentemente, o desdobramento do primeiro. Vem em nosso auxílio o trabalho de Hermenegildo Bastos (1998), que identificará a posição enunciativa do narrador como a da testemunha, e seu texto seria, portanto, um testemunho. Testemunho, quer dizer, um enunciado com um foco bem claro e tendo o propósito de reportar a outrem o que se viu presentemente no calor do momento em que os fatos relatados se deram. O Graciliano que testemunha é o autor do livro, que assina a capa e dá fé dos fatos narrados; porém sua existência linguística intradiegetica é a de personagem-narrador, com todas as implicações que essa instância tem. Para evitar confusões, tratarei de precisar, sempre que necessário, se se trata do Graciliano autor ou do Graciliano personagem-narrador, este último eventualmente designado como Graciliano prisioneiro.²

Para entrarmos no texto e introduzirmos as questões a partir dele, vejamos como a aguardente vem situar-se na trama narrativa das MC.

² Também sobre a escrita do testemunho, Alfredo Bosi dirá, em ensaio sobre as MC, que “o testemunho vive e elabora-se em uma zona de fronteira. As suas tarefas são delicadas: ora fazer a mimese de coisas e atos apresentando-os ‘tais como realmente aconteceram’ [...], e construindo, para tanto, um ponto de vista confiável ao suposto leitor médio; ora exprimir determinados estados de alma ou juízos de valor que se associam, na mente do autor, às situações evocadas” (BOSI, 2002, p. 222).

A angústia no momento da prisão e a cadeia como princípio de liberdade

Uma angústia assola Graciliano nas horas que antecedem sua prisão. Ele considera vagamente a ideia de fugir, mais como um autor que percorre os possíveis destinos da personagem de um livro que está escrevendo do que como o sujeito que terá de decidir sobre seu próprio destino, ou seja, ele mesmo como personagem, acuado pelo vaticínio da iminente perda da liberdade. Sua preocupação central é com os manuscritos do livro que acabara de finalizar; ou seria melhor dizer: o texto que chegara ao final, mas que ele sentia longe de estar terminado, pois faltavam-lhe revisão, cortes e reduções para que fosse considerado pronto. Ele o expressa no seguinte parágrafo, que cito integralmente para melhor percepção do imbrólio que ele descreve:

Na casinha de Pajuçara fiquei até a madrugada consertando as últimas páginas do romance. Os consertos não me satisfaziam: indispensável recopiar tudo, suprimir as repetições excessivas. Alguns capítulos não me pareciam muito ruins, e isto fazia que os defeitos medonhos avultassem. O meu Luís da Silva era um falastrão, vivia a badalar à toa reminiscências da infância, vendo cordas em toda a parte. Aquele assassinato, realizado em vinte e sete dias de esforço, com razoável gasto de café e aguardente, dava-me a impressão de falsidade. Realmente eu era um assassino bem chinfrim. O delírio final se atamancara numa noite, e fervilhava de redundâncias. Enfim, não era impossível canalizar esses derramamentos. O diabo era que no livro abundavam desconexões, talvez irremediáveis. Necessário ainda suar muito para minorar as falhas evidentes. Mas onde achar sossego? Minha mulher vivia a atenazar-me com uma ciumeira incrível, absolutamente desarrazoada. Eu devia enganá-la, vingar-me, se tivesse jeito para essas coisas. Agora, com a demissão, as contendas iam acirrar-se, enfurecer-me, cegar-me, inutilizar-me dias inteiros, deixar-me apático e vazio, aborrecendo o manuscrito. Largara-o duas vezes, estivera um ano sem vê-lo, machucara folhas e rasgara folhas. As interrupções e as discórdias sucessivas deviam ser causa daqueles altos e baixos, daquelas impropriedades. Conveniente isolar-me, a ideia de viagem continuava a perseguir-me. De que modo realizá-la? Havia uma penca de filhos, alguns bem miúdos. E restava-me na carteira um conto e duzentos. Apenas. (RAMOS, [19--], p. 28-29).

À véspera de ser subtraído compulsoriamente de sua vida cotidiana ordinária, é essa vida mesma que mais o perturba, pois que lhe retira as condições mínimas para o trabalho literário que sua obra, recém-nascida e ainda cheia de defeitos, tanto necessita. Estar preso redundava, ao fim e ao cabo, em dar a si mesmo as condições psíquico-emocionais e práticas para dedicar-se ao manuscrito. Neste contexto, Graciliano vê o aprisionamento quase como uma graça:

Naquele momento a ideia da prisão dava-me quase prazer: via ali um princípio de liberdade. Eximira-me do parecer, do ofício, da estampilha, dos horríveis cumprimentos ao deputado e ao senador; iria escapar a outras maçadas, gotas espessas, amargas, corrosivas. (RAMOS, [19--], p. 30).

Sua primeira reação é o sentimento de culpa por seu egoísmo, afinal, havia os filhos que dependiam dele. Rechaça, porém, a hipótese de fugir e viver como um clandestino, possibilidade que lhe causa ojeriza. Retoma, então, a diversão de imaginar-se detido:

Além disso eu estava curioso de saber a arguição que armariam contra mim. Bebendo aguardente, imaginava a cara de um juiz, entretinha-me em longo diálogo, e saía-me perfeitamente, como sucede em todas as conversas interiores que arquiteto. Uma compensação: nas exteriores sempre me dou mal. Com franqueza, desejei que na acusação houvesse algum fundamento. E não vejam nisto bazófia ou mentiras: na situação em que me achava justificasse a insensatez. A cadeia era o único lugar que me proporcionaria o mínimo de tranquilidade necessária para corrigir o livro. O meu protagonista se enleara nesta obsessão: escrever um romance atrás das grades úmidas e pretas. (RAMOS, [19--], p. 30-31).

Clara inversão – o encarceramento como “princípio de liberdade” – ou simples demonstração de que a vida ordinária era para ele uma prisão, pelas razões descritas. Ele está decidido que a cadeia é o único lugar onde poderá dar ao seu livro o cuidado de que necessita. O texto conclui este “sonho de liberdade” nos seguintes termos:

Convenci-me de que isto seria fácil: enquanto os homens de roupa zebraada compusessem botões de punho e caixinhas de tartaruga, eu ficaria largas horas em silêncio, a consultar dicionários, riscando linhas, metendo entrelinhas nos papéis datilografados

por dona Jeni. Deixar-me-iam ficar até concluir a tarefa? Afinal a minha pretensão não era tão absurda como parece. (RAMOS, [19--], p. 31).

O idílio de uma cadeia como um lugar perfeito ao trabalho literário, um trabalho de detento como qualquer outro, é, não há dúvida, parte do mundo que será derrubado ao longo da obra. Nós, leitores, acompanharemos as múltiplas tentativas do prisioneiro Graciliano de dar consecução ao seu intento inicial e suas sucessivas frustrações. Por um lado, as situações que encontrará e as vivências que terá serão imensamente mais degradantes do que imaginara de antemão; por outro, as maneiras como ele próprio reagirá a esse estado de coisas não coincidem em nada com a “libertação” que vislumbrara.

Aqui é necessário deter-se nos trechos citados para observar dois aspectos. O primeiro é o de que a narrativa das *MC* consiste não somente em testemunhar, mas em observar-se em sua posição de testemunha. Poder-se-ia chamar isso de postura fenomenológica: Graciliano desdobra-se em um personagem que está em situação e que se vê submetido aos sentimentos e sensações que lhe acometem e, ao mesmo tempo, o narrador que observa-se a si mesmo e que, procurando não julgar esses sentimentos e sensações *a priori*, ao contrário, encontrando neles o objeto mesmo de sua investigação do humano, trata distinguir esses dois níveis na narrativa.

O segundo ponto a se destacar é o modo como a cachaça participa dos trechos citados. Primeiramente, junto com o café, a aguardente mantém o escritor ativo durante dias a fio para a produção de seu romance. Essa “regulação química” com duas drogas – a cafeína e o álcool – parece ser uma condição sem a qual a escrita não teria sido possível. Soma-se ao “razoável gasto de café e aguardente” o isolamento no tempo e no espaço (a madrugada na casinha de Pajuçara) como condições necessárias para escrever.

No segundo trecho citado, a cachaça o ajuda a imaginar sua virtual performance nos tribunais: “Bebendo aguardente, imaginava a cara de um juiz...”. Talvez já seja possível enxergá-la aí como um elemento que participa dessa “liberdade” associada ao trabalho criativo do escritor.

Em resumo, estes trechos expõem motivos que atravessarão toda a obra: a necessidade vital de escrever; a certeza de que seu romance (não menciona o título, mas sabemos que se refere a *Angústia*) necessita ser “consertado” por meio de minuciosa releitura dos originais datilografados; a busca das condições necessárias para escrever e, neste

sentido, a confrontação entre a fantasia prévia e a realidade encontrada na prisão; a aguardente como um elemento que participa dessas condições.

Uma vez preso, primeiro em Maceió, depois em Recife e então colocado num navio a caminho do Rio de Janeiro, Graciliano tenta escrever, porém sem sucesso. Falta-lhe concentração, ou a iluminação adequada, ou material, ou disposição física. No porão do navio, um faxina lhe supre parte dessas carências, trazendo-lhe lápis e caderno, ainda que de qualidade deplorável, e com isso ele insiste. Imagina que a solução para voltar a escrever poderia ser “um pouco de álcool”:

Os lápis diminuam, pontudos e inúteis: daquelas notas arrumadas com esforço grande não sairia uma história. Desinteresse: a inteligência baixava, era uma inteligência distraída, vagabunda, indolente. Valeria a pena excitá-la? Como? Se me fosse possível conseguir um pouco de álcool, talvez desse verossimilhança a Benon Maia Gomes, a Baptista, ao sujeito que mastigava torradas e comia os beijos. (RAMOS, [19--], p. 64-65).

Ao identificar a baixa atividade de sua inteligência, coloca-se a hipótese de se “valeria a pena excitá-la”. É aí que lhe ocorre que talvez o álcool pudesse ajudá-lo, pudesse recolocá-lo em um estado de escrita que ele vivera antes da prisão e que tem tanta dificuldade em resgatar.

O efêmero reencontro do tempo

O capítulo 29 da Primeira Parte de *Memórias do Cárcere* será objeto de uma atenção mais demorada. Trata-se do momento em que Graciliano – então prisioneiro no porão do navio que o levou, juntamente com centenas de presos comuns e presos políticos, de Recife ao Rio de Janeiro – obtém uma garrafa de aguardente, contrabandeada por um despenseiro. O capítulo inicia, no entanto, com considerações sobre a administração das finanças pelos presos, que redundam na maioria dos casos na gestão do que ainda resguarda suas vidas de tornarem-se “insuportáveis”, aquilo de que não se pode abrir mão, mesmo quando abrir mão é o que se impõe como regra. Para o prisioneiro Graciliano, as “finanças curtas” servem para os cigarros, que ele rebaixa em qualidade para suprir a quantidade do seu consumo, que avulta. Seria equivocado identificar essa dependência – química, psíquica, social, etc. – como um “vício”, pois não há julgamento, logo o termo é inadequado. Trata-se,

outrossim, de, em um estado de guerra, avaliar forças e vulnerabilidades dos seus, uma vez que a má gestão dos recursos significaria derrota inequívoca na batalha por manter a dignidade em um ambiente hostil e aviltante. Diz o primeiro parágrafo:

Fumando em excesso, resolvi, por economia, usar cigarros ordinários: três, quatro maços por dia abalavam-me as finanças curtas. Quase todos ali nos inquietávamos com essas pequenas despesas: se esgotássemos a reserva mesquinha, estaríamos desarmados e a vida se tornaria insuportável. Nada produzíamos e gastos insignificantes nos causavam apreensão; o dinheiro adquiria um valor que lá fora estranhariam. (RAMOS, [19--], p. 142).

A expressão usada para se referir a um eventual esgotamento das reservas financeiras é “estaríamos *desarmados*” (grifo meu), que denota esse estado de guerra a que me referi. Os prisioneiros estão sob ataque, um ataque à dignidade, cujas armas são as condições degradantes a que são submetidos. Graciliano recusa a posição de vítima e se coloca no lugar do combatente. Sua batalha aqui é, como dito, para preservar-se desses ataques e sua vitória definitiva, a afirmação cabal de sua liberdade apesar de tudo, seria conseguir escrever.

Neste contexto nada ordinário, os valores são ressituidos, reestabelecidos os critérios de julgamento, as bases para se nomear o correto e o incorreto. “O dinheiro adquiria um valor que lá fora estranhariam”, afirma, a indicar esse movimento fundamental de reequacionamento ético. Afinal, o que é ser um homem ali? O que é certo e errado, não em termos abstratos, ou mesmo morais, mas concretamente, para quem vive o que ele e seus companheiros de prisão vivem?

Ao mencionar os únicos dois homens que “se mostravam alheios ao assunto que [a todos] preocupava” (RAMOS, [19--], p. 142), quais sejam, o Capitão Mata e Sebastião Hora, Graciliano não chega a julgá-los: observa-os, como um soldado avalia taticamente a atuação dos companheiros de trincheira. Sobretudo em relação a Sebastião Hora, ele observa sua incapacidade de adaptar-se aos novos códigos que estão a se formar, fruto da mais imediata necessidade: Hora deseja “manter no porão seus hábitos ordinários” (RAMOS, [19--], p. 142). Não são quaisquer hábitos, mas sim os relacionais, de convívio, sua etiqueta, digamos: sem atentar para o quanto lhe custava, Hora “abria-se em liberalidades extremas” (RAMOS, [19--], p. 142). Mostrar-se generoso,

naquele lugar, afetava impressão oposta à que provavelmente provocaria num contexto de fora da prisão, não causava a impressão de alguém que fortalece os vínculos afetivos e sociais por distribuir sem parcimônia os seus bens, mas sim como alguém que põe em risco o precário equilíbrio por não cuidar de si.

Neste contexto de ajuste ético, o prisioneiro Graciliano abre para si uma exceção, que ele marca com a conjunção adversativa “porém” e a forma verbal de função escusatória “fascinou-me”, esta, em especial, com várias implicações. Primeiro, em continuidade com o texto que precede, o verbo indica a referida postura fenomenológica, um sentir e um observar-se sentir, estando os julgamentos suspensos “entre parênteses”. Neste sentido, prevalece o filtro do observador, que organiza o percebido e o interpreta para o leitor. Sem dúvida, esse aspecto, questão de foco narrativo, aproxima este livro de memórias a um romance como *São Bernardo*, e o narrador Graciliano, de Paulo Honório. Não é pouco dizer isso: a posição do narrador personagem, em ambos os livros, determina as estratégias narrativas. Vai sem dizer a ressalva de que Paulo Honório é o olhar que tudo interpreta e, também, centro do poder na narrativa, que submete tudo ao seu próprio destino, o que criará sua própria desgraça; já o Graciliano das *MC*, não, é um indivíduo sem poder, submetido ao arbítrio, que apenas observa.

Do ponto de vista dos afetos, à *apreensão* que dominara o primeiro parágrafo e o início do segundo vem sobrepor-se o *fascínio*, que o libera a um gasto absolutamente fora dos limites que acabavam de ser afirmados. A consequência desse segundo aspecto é um terceiro, o fato de que o narrador-personagem cai em uma tremenda contradição: após criticar Sebastião Hora e sua incapacidade de conter seus gastos e abrir mão de seus hábitos ordinários, vem agora Graciliano gastar o que não pode por um fascínio que não foi capaz de controlar. Mais que contradição, um paradoxo, talvez, o mesmo que ele apresentou no início, segundo o qual se cultiva aquilo de que se depende – pode-se formular, *de que não se é livre* – como forma de preservar a vida em um nível suportável, com alguma dimensão de humanidade; viver a dependência dentro da cadeia, e em particular naquele porão de navio, faz as vezes de uma espécie de lastro de liberdade, a manutenção de uma brasiinha para que não se apague o homem livre que cada prisioneiro preserva em si. É a liberdade de fazer da dependência uma escolha – sobretudo por ser ela pessoal e não padronizada, despersonalizada.

O exame cuidadoso da garrafa confirma tratar-se da mesma marca que ele bebeu nos vinte e sete dias que levou escrevendo a parte crucial do romance que entregou à datilógrafa no dia mesmo em que foi preso. Guardemos essa informação para logo mais. Agora há que fechar os dois caminhos abertos anteriormente: a necessidade de administrar a escassez e a de formular para si a ética vivida naquele lugar.

Após a aquisição da garrafa, surgem “numerosos canecos a ameaçá-lo” (RAMOS, [19--], p. 143) – o sentimento de estar acuado pelos companheiros que vêm exigir-lhe um trago é reativo; ajustando-se eticamente ao novo código que aprende e inventa enquanto o pratica, ele cumpre o seu “dever de solidariedade” (RAMOS, [19--], p. 142), ainda que avaramente, distribui os goles de cachaça, e contabiliza os danos, medindo a proporção perdida da garrafa.

Pois bem, é neste momento que Graciliano poderá trancar-se no camarote do padeiro, um cômodo que conseguira de empréstimo e que lhe dava condições de escrever muito melhores que o espaço do porão onde todos se amontoavam em meio à imundície. Pareceria que ele teria agora as condições que precisava: certo isolamento e aguardente. Acompanha-o, no entanto, Mário Paiva: “se sentiu de repente meu amigo íntimo e, julgando imprudência abandonar-me em semelhante situação, acompanhou-me” (RAMOS, [19--], p. 143). Graciliano não recusa a companhia, pois vê nela um resguardo para sua própria segurança: “se me arriscasse, debilitado, com o estômago vazio, a ingerir tudo aquilo, provavelmente me arrasaria” (RAMOS, [19--], p. 143). Serve-se, pois, a cachaça, e acontece que “Mário Paiva beijava o copo, bebericava chuchurreando, embrenhava-se numa parolagem vaga” (RAMOS, [19--], p. 143), que aos poucos Graciliano transformará em um ruído de fundo tão distante quanto o marulhar das ondas através da escotilha.

Na cadeira, o cotovelo sobre a mesa, distraía-me a ouvi-lo sem perceber nada; via-lhe no rosto as nuvens da embriaguez a acentuar-se; os olhos iam ficando vítreos, as pálpebras cerravam-se, erguiam-se, tornavam a descer. Aparecia-me como um espelho: sentia-me também assim, os bugalhos duros e inexpressivos, gotas de suor a espalhar-se na testa, umedecendo a raiz dos cabelos. Mantinha-me em silêncio; comportar-me-ia daquele jeito se falasse, embrulharia assuntos, divagaria à toa. Não me inclinava a papaguear: a sombra interior obscurecia os fatos e os conhecidos próximos: Mário Paiva, inconsistente, perdia a significação. (RAMOS, [19--], p. 143).

Parece que Graciliano conseguiu, com o auxílio da aguardente, lançar seu parceiro de copo e prisão numa inexistência conveniente. O primeiro aspecto a degustar é o rótulo, que já lhe havia chamado a atenção anteriormente, indicando-lhe que era exatamente aquela que consumira durante as madrugadas de escrita de seu romance. A memória, porém, vai arrebatá-lo de um modo totalizante, proustianamente transportando-o aos espaços e sensações de seu passado, como se a própria massa do tempo pudesse ser novamente degustada, num arroubo involuntário e inevitável.³

O rótulo de tintas vivas, colado ao vidro, forçava-me a um lento recuo no tempo. A sala de jantar da minha casa em Pajuçara reconstituía-se. Era noite. Sentado à mesa, entranhava-me na composição de largo capítulo: vinte e sete dias de esforço para matar uma personagem, amarrar-lhe o pescoço, elevá-la a uma árvore, dar-lhe aparência de suicida. Esse crime extenso enjoava-me. Necessários os excitantes para concluí-lo. O maço de cigarros ao alcance da mão, o café e a aguardente em cima do aparador. Estirava-me às vezes pela madrugada, queria abandonar a tarefa e obstinava-me nela, as ideias a pingar mesquinhas, as mãos trêmulas. Rumor das ondas, do vento. Pela janela aberta entravam folhas secas, um sopro salgado; a enorme folhagem de um sapotizeiro escurecia o quintal. (RAMOS, [19--], p. 143).

Por um parágrafo, não estamos mais no porão hediondo do navio, tampouco no camarote do padeiro, mas sim na casinha de Pajuçara rememorando, revivendo os entraves da escrita daquele livro difícil. O rumor das ondas e do vento ainda ocorre, mas logo é integrado ao tecido da memória, pois pela janela entram “folhas secas”, junto com

³ Sobre este conhecido aspecto da obra de Marcel Proust, escreve Walter Benjamin (2012, p. 50): “Sem dúvida, a maioria das recordações que buscamos aparecem à nossa frente sob a forma de imagens visuais. Mesmo as formações espontâneas da *mémoire involontaire* são ainda imagens visuais, em grande parte isoladas, apesar do caráter enigmático da sua presença. Mas, justamente por isso, se quisermos captar com pleno conhecimento de causa a vibração mais íntima dessa literatura, temos que mergulhar numa camada especial dessa memória involuntária, a mais profunda, na qual os momentos da recordação anunciam-nos, não mais isoladamente, com imagens, mas disformes, não visuais, indefinidos e densos, um todo, como o peso da rede anuncia sua pesca ao pescador. O odor é o sentido do peso daquele que lança suas redes no oceano do *temps perdu*.” É nessa memória densa que mergulha Graciliano, ao sabor da aguardente.

um “sopro salgado”, mas há “a enorme folhagem de um sapotizeiro” a escurecer o quintal.

No parágrafo seguinte, Graciliano retorna ao lugar “real”, enxerga a garrafa de aguardente, percebe a presença do falatório infundável de Mário Paiva, o que lhe dá lugar ao comentário: “Seria melhor que ele se calasse, mas na verdade a tagarelice não me perturbava a recordação; nem me decidia a fazer a mínima tentativa para compreendê-lo” (RAMOS, [19--], p. 143). E ainda: “Se ele me descobrisse a inadvertência, conservar-me-ia distante, indiferente; não me importava o juízo de um estranho loquaz” (RAMOS, [19--], p. 143). Ao buscar concluir essa ideia, devolve-se à rememoração de seu lugar de trabalho, seu lugar de escrita:

Conjetura absurda: Mário Paiva não estava em condições de ter juízo e descobrir coisas. A voz dele, um burburinho, desmaiava no som das ondas, do vento; as ondas não quebravam no costado velho da embarcação, o vento não entrava pela vigia: eram ruídos longínquos a embalar-me o trabalho, na minha sala de jantar. (RAMOS, [19--], p. 143).

Não há dúvida de que essa sobreposição de planos – o estar ali, o ouvir o charivari de Mário Paiva, o ouvir os ruídos do lugar, e o imaginar sons, sensações, visões que participam dessa rememoração integral do espaço onde acontecia o trabalho literário poucas semanas antes – ajuda a enevoar o ambiente em uma espécie de viagem onírica, mesmo que cada coisa seja descrita com precisão e economia, sem obnubilações enxertadas. Tampouco pode-se dizer que Graciliano consiga tirar grandes consequências da experiência, mas parece que, por alguns minutos (ou serão horas?), ele conseguiu esboçar algo daquele “princípio de liberdade” com que se iludira ao imaginar a vida na prisão, cujo contorno é basicamente o de ser o espaço da escrita. O parágrafo seguinte parece aceitar a presença dupla dos dois lugares, o real e o imaginário/rememorado, numa bagunça informe:

Agora ligava-me a fatos pouco mais ou menos ignorados, esquecia casos a que dera muita importância. Não os esquecia, realmente, jogava-os num desvão, onde se empoeiravam, cobriam de teias de aranha; ressurgiam, sobrepunham-se ou subpunham-se aos outros, afinal se nivelavam, misturavam todos, e já não me era possível saber o que estava dentro ou fora de mim. (RAMOS, [19--], p. 144).

Desse caos, retoma a ideia fixa de que o seu livro era tão fracassado quanto a “revolução gora” sobre a qual “centenas de homens cochichavam além da porta, lembrando minúcias” (RAMOS, [19--], p. 144). Escrevera ao editor denunciando o fiasco que era seu próprio livro, lembra-se agora, e isso funciona quase como uma conclusão a este capítulo. O transportar-se ao lugar da escrita não lhe serviu para retomá-la, mas para de algum modo resignar-se, mesmo que temporariamente, viver pelo menos a certeza de que seu livro falhou, o que já é alguma coisa. O parágrafo final assume um tom quase lírico, formado talvez pelo fim do drama que lhe perturbava o espírito e a aceitação da morte de sua obra: um “enterro literário”.

As ondas, o vento, os ramos do sapotizeiro, a garrafa de aguardente, o maço de cigarros, o bule de café. Um enterro, sem dúvida, enterro literário. Se me agradassem as confidências, trataria disso, interromperia Mário Paiva, embora ele não me compreendesse. Também não conseguiria explicar-me. As minhas ideias deviam ser tão indecifráveis como as que ele extraía do espírito nublado, fragmentárias. Resignava-me com certeza, levado pelo hábito, a simular interesse: sorria, balançava a cabeça aprovando, balbuciava uma interjeição animadora. Procedi evidentemente assim. Tomava-lhe o copo e aumentava-lhe, consciencioso, a desordem mental. Enfim, a garrafa de aguardente se esvaziou. Emergimos do sonho, erguemo-nos, fomos ver de perto as imundícies do porão, o lago de urina que se havia reconstituído. (RAMOS, [19--], p. 144).

A elegia de sua finada obra tem a forma de uma amizade transitória e dúbia com um ocasional companheiro de copo, a quem oferece alguns gestos cordiais e o líquido que lhe aumentará, conscienciosamente, “a desordem mental”. Ao acabar a garrafa, finda-se também o sonho; erguem-se os dois e retornam às imundícies do porão do navio, sem liberdade e agora já sem o elixir que lhes ativara a imaginação, a memória e a palavra.

Estados alterados do eu

Pudemos observar, pelas análises até aqui, de que modo a aguardente desloca a tessitura do discurso, introduzindo uma abertura que se traduz por uma sobreposição dos registros da percepção e da

rememoração. A droga – no caso, o álcool – altera não o mundo, mas o próprio eu que nele está imerso e que, portanto, o percebe, de modo que todas as relações se veem reconfiguradas.

Proponho a seguir uma aproximação que abrirá as vias para a discussão do problema da constituição do *eu* na linguagem. Se faz sentido pensar na memória involuntária de Proust, enquanto produtividade de discurso a fundir/sobrepor a percepção/descrição do instante e o relato da rememoração totalizante e multissensorial, cabe igualmente pensar em um processo de ajuste do eu que encontramos em Fernando Pessoa, em especial no seu poema *Chuva Oblíqua*. Sabe-se que os seis “poemas interseccionistas” reunidos sob este título foram produzidos após a escrita de *O Guardador de Rebanhos*, célebre opúsculo do heterônimo Alberto Caeiro. Pessoa teria vivido uma espécie de adoecimento no “retorno a si”, e nesse estado escreveu *Chuva Oblíqua*.⁴ Em cada um dos seis poemas observa-se uma sobreposição em transparência daquilo que o eu lírico apresenta como a imagem presente e o sonho, dois conjuntos imaginários visuais, sonoros ou audiovisuais, por vezes sinestésicos, a traduzir o visual em sonoro e vice-versa. Um exemplo mostrará o fundamento dessa aproximação:

Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra
Os vultos ao sol daquelas árvores antigas... (PESSOA, 1991, p. 50).

A paisagem observada (com árvores e flores) e o sonho de um porto (com água e velas de navios): sobreposição de contemplação e sonho, correlata à sobreposição de memória e percepção no texto de Graciliano. Neste retorno a si, neste deslizamento de um estado de consciência a outro, há uma espécie de refração da percepção de mundo, em Pessoa como em Graciliano, que se mostra como um processo psíquico produtor de discurso. Ao indicar no subtítulo que os poemas são “interseccionistas”, Pessoa situa-os em um interstício, num “entre”,

⁴ A intervenção de um dado biográfico extratextual de Pessoa, referente ao contexto de escrita do poema, é aceitável, a meu ver, pelo fato de o texto de Graciliano ser um relato autobiográfico. O aspecto ressaltado, em um e outro caso, são as questões textuais em relação com um ajuste do eu a uma condição específica de tensionamento, também passível de se reconhecer como um tipo de “estado alterado”.

evidenciando não tanto uma “troca de pele” (as variações da sensibilidade de um eu singular) mas uma troca de si sob a mesma pele: a instabilidade qualitativa do eu, a implicar alterações no conjunto das suas relações com o mundo, inclusive uma (con)fusão em transparência de imaginação e contemplação. Não há em Pessoa a instância que julga o observador, mas sim uma espécie de desaparecimento da personalidade para que só as visões (presentes ou imaginárias) se imponham. Voltando ao caso de Graciliano, isso ocorre de modo similar, pois nesta superposição de dois níveis, perde força justamente um nível que tinha presença marcante até então, que é o do observador voltado para dentro, não tanto o olhar que relata as impressões e sensações, mas aquele que comenta a qualidade do sentir.

Sobre a participação das drogas no processo de produção do discurso poético, cabe evocar *Les Paradis artificiels* de Charles Baudelaire, obra seminal a esse respeito aspecto na literatura ocidental. Tratando especificamente da embriaguez pelo consumo de haxixe, Baudelaire assinala:

Acontece às vezes que a personalidade desaparece e que a objetividade, que é o próprio dos poetas panteístas, se desenvolve em você de modo tão anormal, que a contemplação dos objetos exteriores lhe faz esquecer sua própria existência, e que você se confunde logo com eles. [...] Assim, o pássaro que plana no fundo do azul *representa* de início a imortal vontade de planar acima das coisas humanas; mas aí você já é o próprio pássaro. (BAUDELAIRE, 1966, p. 47-48, tradução minha, grifo do autor).⁵

Talvez possamos ver aí a indistinção entre o percebido e a construção simbólico-imaginária que em Graciliano se explicita pela passagem “não me era possível saber o que estava dentro ou fora de mim”, que retomaremos mais adiante neste artigo. No geral, porém, no relato de Baudelaire o haxixe não oferece “nada de miraculoso, absolutamente

⁵ “Il arrive quelquefois que la personnalité disparaît et que l’objectivité, qui est le propre des poètes panthéistes, se développe en vous si anormalement, que la contemplation des objets extérieurs vous fait oublier votre propre existence, et que vous vous confondez bientôt avec eux. [...] De même, l’oiseau qui plane au fond de l’azur *représente* d’abord l’immortelle envie de planer au-dessus des choses humaines; mais déjà vous êtes l’oiseau lui-même”.

nada além do natural excessivo” (ou intensificado, “le naturel excessif” no original) (BAUDELAIRE, 1966, p. 36).⁶

Outra obra que cabe destacar é o estudo do filósofo Walter Benjamin sobre o *Haxixe* (1972), em que igualmente descreve a maneira como vive a experiência de estar sob o efeito da droga, seja sozinho em um quarto de hotel, seja transitando pelas ruas de uma cidade onde ninguém o conhece. Ambos, Baudelaire e Benjamin, esforçam-se por descrever a si mesmos e ao mundo, e as significações diferenciadas que se lhes apresentam nessas circunstâncias, procurando observar-se a observar, sentir-se a sentir. Ora, é exatamente isso o que faz Graciliano Ramos ao longo de suas *Memórias do Cárcere*, porém, o estado alterado – do mundo, pela condição de excepcionalidade em que se encontra, e por conseguinte da consciência – não está relacionado *apenas* ao consumo de uma droga, mas sobretudo às condições vividas pelo protagonista. A maneira como o autor alagoano constrói sua prosa, do ponto de vista do lugar do eu e do seu modo de percepção do mundo com os consequentes ajustes éticos, é similar à prosa de Baudelaire e de Benjamin. Não se pode falar aqui em influência, mas sim que as obras revelam similitudes e, neste sentido, espelham-se, permitindo-nos conhecer melhor uma pela outra.

Vejamos, então, como isso se constrói nas *Memórias do Cárcere*. Seria possível colher exemplos ao longo de todo o livro, pois se trata de um aspecto fundamental da obra. Aqui, é conveniente selecionar passagens em que a cachaça não está presente. Insistirei sobre a percepção de Graciliano quanto aos ajustes éticos que está realizando, agora com o intuito de observar a estruturação do eu e sua instabilidade.

⁶ Poder-se-ia objetar a diferença de efeito psíquico entre as drogas, no caso, o álcool e o haxixe. A similaridade, neste momento das *MC*, se estabelece entre Graciliano e a aguardente e Baudelaire e o haxixe. No autor francês a reflexão sobre o vinho leva a outros lugares, sintetizados nesta passagem: “Le vin est semblable à l’homme: on ne saura jamais jusqu’à quel point on peut l’estimer et le mépriser, l’aimer et le haïr, ni de combien d’actions sublimes ou de forfaits monstrueux il est capable. Ne soyons donc pas plus cruels envers lui qu’envers nous-mêmes, et traitons-le comme notre égal.” Se a obra em estudo fosse aqui *Angústia*, é possível que esta e outras passagens dos escritos de Baudelaire sobre o vinho fossem-nos de grande valia, pois lá o papel da cachaça tem contornos similares. Nas *MC* também serão, porém em passagens que serão mostradas mais adiante e que são mais próximas de tópicos tradicionais do vinho (ou da cachaça), como a loquacidade, a liberalidade (dos bens ou do discurso), o esquecimento dos problemas e o alívio da dureza do viver.

Reconsiderando a raiva que sentia pelo homem que lhe engrupira para subtrair-lhe cinco mil-réis, Graciliano afirma:

Somos forçados a reconhecer que os valores estabelecidos se modificam. Precisamos viver, embora não seja certo que a nossa vida represente qualquer utilidade. Procuramos aguentar-nos de uma ou de outra maneira, adquirimos hábitos novos, juízo diverso do que nos orientava lá fora. (RAMOS, [19--], p. 132).

Não é de espantar: ali, todos – uns criminosos comuns, outros presos políticos – são obrigados a conviver tendo um dos fundamentos da ética, a liberdade, reduzido a farrapos. Tensionada em seus fundamentos, a ética está deslocada por uma condição de excepcionalidade, o que se revela textualmente por meio da própria configuração de certos fundamentos do discurso – ou mesmo das condições de possibilidade do discurso. O próprio eu que empresta sua voz ao discurso é colocado sob tensão, de modo que nos preparamos para encontrar um emissor instável. Essa instabilidade, no entanto, não é plenamente consciente nem é apresentada como um fato à atenção do leitor. Tampouco há sinais de um processo na direção da loucura, ou seja, um distúrbio de personalidade ou uma condição patológica que se traduzisse em algum tipo de estratégia discursiva.

É como se o tempo todo, nas *MC*, o prisioneiro Graciliano realizasse um trabalho psíquico tremendo cuja finalidade é a de preservar-se íntegro – enquanto um *eu* que observa e se pronuncia, portanto enquanto voz – em um ambiente que, por diversos meios, ameaça arrasá-lo a dignidade e a sanidade. Segundo a psicanálise, o surto psíquico ou enlouquecimento, mesmo a partir de uma estrutura neurótica, pode ser uma reação de defesa a uma agressão ou dor demasiado grande, insuportável; a julgar pelos sinais que Graciliano registra de seu entorno, não são poucos os que de algum modo perdem-se e surtam naqueles lugares. Veja-se o exemplo do garoto Ramiro, dentre tantos possíveis, retirado do mesmo capítulo citado pouco acima:

Defendia-me dizendo a mim mesmo não me achar inteiramente só: aqueles berros, ali próximo, rebentavam-me os tímpanos. Quem estaria a vociferar com tanta violência? Ramiro, com certeza. Ia-me acostumando aos seus furores. Tinham-lhe causado lá de cima algum incômodo, batera-lhe talvez no corpo uma casca de tangerina, e o garoto se danava em gritos roucos a inimigos

invisíveis, parecia que o estavam estrangulando. A coragem doida do menino encantava-me. Com certeza não tinha consciência do nosso estado. Enquanto os outros se moviam cautelosos, falando baixo, ele pisava firme, dirigia-se aos soldados em destampatórios, excedia-se em exigências ásperas, verdadeiras ordens. Depois ria num estouvamento feliz, alheio à imundície, corria por todos os cantos, exibindo as bochechas coradas, e à noite repousava calmo, como se o protegesse o sorriso doce da mamãe. (RAMOS, [19--], p. 132-133).

Sem dúvida o garoto Ramiro não é o único a ser descrito como um louco naquele antro, ao contrário, muitos são os que se comportam já sem qualquer razoabilidade ou racionalidade, no mais das vezes compondo um coletivo de figuras semelhantes a espectros ou mortos-vivos que perambulam ao redor. O fato de Graciliano não conseguir escrever é também um indício de seu esforço psíquico em lidar com um meio invasivo e atroz. “A bulha de Ramiro não me deixava escrever”, ele afirma, sugerindo uma explicação aceitável; porém, a frase seguinte relativiza essa assertiva: “Levantava-me, satisfeito por achar explicação para o meu desarranjo interior” (RAMOS, [19--], p. 133). Explicação insuficiente, portanto, apenas passável para quem necessita de um pretexto para liberar-se do peso de assumir plenamente sua própria desorganização existencial. A presença dos surtados permanecerá como ameaça de desdobramento psíquico a que todos ali estão sujeitos.

A incapacidade de desempacar a escrita é o sinal mais claro da agonia permanente em que vive Graciliano e da qual não consegue escapar enquanto está preso. Agonia é aqui entendida como uma disputa interna, uma competição entre disposições anímicas inconciliáveis. Graciliano esforça-se por estar disponível, para realizar o seu desejo de escrever um livro na cadeia, mas o aviltamento é tal que ele precisa proteger-se, criar algum nível de bloqueio. Ele deve estar disponível, e não como observador, mas como alguém que está à mercê dos sentimentos que lhe vêm, pois esse conjunto de observações do meio e de si é que é a matéria de sua prosa. A linguagem – que nada tem de espontânea na obra do obsessivo *autor* Graciliano Ramos, que corrige interminavelmente seus originais – não mostrará esse conflito de maneira direta e simples. O Graciliano *narrador* situa-se um passo atrás do Graciliano *personagem*, dissociando duas instâncias que se poderia esperar condensadas. As sensações – desde as mais brutas até as mais

sutis – são alijadas do narrador e concentradas no personagem, mesmo que um e outro respondam pelo mesmo pronome “eu”.

A comoção é também bloqueada, restam reações quase imediatamente corpóreas que revelam a significação que atribui ao vivido, aqui e agora: nojo, espanto, fascínio, engulhos, revolta... Porém esses sentimentos/sensações são logo assimilados, naturalizados, num processo de permanente adaptação a um ordenamento interno-externo francamente excepcional. Um exemplo mostrará como isso se processa:

Ligeiras pancadas no corpo despertaram-me súbito. Estremeci, depois me revoltei: da coberta jogavam no porão cascas de tangerina, que me vinham cair dentro da rede. Procediam exatamente como se as lançassem num chiqueiro. Protestei furioso, mas o protesto e a fúria desanimaram, a voz fraca deve ter morrido a poucos metros. Resignei-me em seguida. Inútil gritar. Um chiqueiro, evidentemente. Era como se fôssemos animais. (RAMOS, [19--], p. 129).

Ser tratado como um porco num chiqueiro é motivo para imediata fúria, que logo arrefece. Em resposta, ele grita “Covardes”, mas trata de precisar, esvaziando o protesto de toda emotividade: “Não xingava, não desabafava: reconhecia somente um fato” (RAMOS, [19--], p. 129). E em seguida, analisa o seu próprio ajustamento ético em processo: “Aliás, dependia de nós enxergar naquilo um vilipêndio. Não me supunha aviltado” (RAMOS, [19--], p. 129). Pouco adiante, acontece a inversão do sentido primeiro que as cascas de tangerina tiveram de início:

As cascas de tangerina caíam-me sem cessar na rede. Tencionei apanhá-las, atirá-las no charco de urina. Contive-me: desprendiam cheiro agradável, e isto obliterou os últimos resíduos da cólera, fez-me esquecer o intuito ruim que as tinha enviado. Esmaguei-as entre os dedos, aspirei o odor acre e espesso; o sumo embebia-se nas mãos, impregnava-se na roupa. (RAMOS, [19--], p. 129).

O que era lixo e humilhação torna-se agora a fonte de um pequeno prazer, um lenitivo em meio à desgraça. Entrega-se a refletir sobre suas próprias reações em relação a outros episódios que haviam ocorrido nas horas que precederam a queda da tangerina, principalmente a comparar os gestos de um soldado que o ameaçou com a ponta do cano de uma arma e de outro que o favoreceu trazendo-lhe água sem nada esperar em

troca. Termina por compreendê-los ambos como um “proceder mecânico de funcionário” e, ao igualá-los, perde o vigor de sua verve:

O infeliz jogo mental nos despoja, nos rouba os impulsos mais sãos. Contingência miserável. Nessa tentativa de nivelamento, precisava esquivar-me às injúrias que vinham da coberta, me batiam nos braços e no rosto, me coloriam de uma camada amarela verdoenga. (RAMOS, [19--], p. 130).

Graciliano narrador, um pouco recolhido, observa o Graciliano personagem se dessensibilizar-se, adaptar sua capacidade de julgamento às condições de absoluta excepcionalidade. Não se é o mesmo no porão-cadeia de uma embarcação de passageiros. Conclui-se o capítulo em pacificação do espírito e, mais uma vez, com um estranho lirismo: “Loucura ressentir-me. Aquilo era bom. A fadiga crescia, atava-me os membros. E resvalei na escuridão, tranquilo, absorvendo as emanções das cascas de tangerina, que me vieram perfumar os sonhos” (RAMOS, [19--], p. 130).

O paroxismo da degradação do eu

Este processo é permanente. Essa espécie de dissociação psíquica, uma refração do eu que sente e age, observa-se agir e sentir e, discursivamente, revela sua dubiedade, as razões contrárias que o compõem naquele momento, não cessa de mostrar diferentes possibilidades e nuances, com aproximações e distanciamentos maiores ou menores entre o eu narrador e o eu personagem. Seria possível acompanhar a duração dessas transformações praticamente frase a frase. Atentemos, porém, ao momento em que a degradação penetrará mais profundamente na condição existencial do narrador-personagem e que, pela sua condição paroxística, nos permitirá observar novas correspondências internas no texto de Graciliano.

Trata-se do Capítulo 14 da Terceira Parte “Colônia Correccional”. Essa condição está ligada a uma piora no quadro de adoecimento, o qual o personagem não consegue superar de todo ao longo do livro. Embora desde o início Graciliano sinta o incômodo e a dor da cicatriz no baixo ventre, marca de uma operação cirúrgica que ocorreu algum tempo antes de sua prisão, não lhe é claro o processo de degradação que está vivendo, seja em razão da agonia psíquica seja pela aversão à comida da cadeia

ou mesmo por causa da péssima qualidade da comida na prisão. Falta-lhe um espelho ou companheiros aptos a servir-lhe como tal, em sentido figurado, mas existencialmente mais profundo: uma interlocução real, com algum nível de intimidade, algo que Graciliano só encontrará no final de sua temporada na cadeia, na Quarta Parte do livro, quando convive mais demoradamente com uma amiga, a psiquiatra alagoana Nise da Silveira. O narrador, no entanto, apresenta-nos a situação em que se vê defrontado com seu deplorável estado, quando, na Colônia Correccional, no Capítulo 12 da Terceira Parte, o tenente de polícia que inspecionava a fila de trabalho dos presos ordena-lhe que a deixe e volte ao descanso:

- Volte.
- Por quê? murmurei atrapalhado, esquecendo o lugar onde me achava.
- Está doente.
- Não. Estou bem, respondi à toa, vexado com a conclusão. Seria uma preferência injustificável? [O tenente] passou-me o rabo do olho e insistiu:
- Volte. (RAMOS, [19--], p. 359).

Pouco depois, alguém lhe pergunta a idade e ele, “com o desejo de conhecer [seu] aspecto” (RAMOS, [19--], p. 359), conduz o seguinte diálogo:

- Calcule.
- Sessenta e cinco anos, disse o interlocutor sem vacilar.
- Por aí, pouco mais ou menos, concordei num abatimento profundo.
- Sessenta e cinco anos. Andava em quarenta e três. (RAMOS, [19--], p. 359-360).

Graciliano fica chocado com a “carga de vinte e dois anos” (RAMOS, [19--], p. 360) a mais que lhe atribuem, mesmo que esta lhe conferisse certas vantagens, como poupar-se de esforço físico por um dia. O conhecimento do impacto de sua aparência pode ter influenciado na evolução de sua doença, pois poucas páginas adiante, no mencionado Capítulo 14, o prisioneiro Graciliano atingirá o pior grau de seu estado de saúde. Interessa-nos observar que sua percepção de si e do mundo, afetadas tanto pela doença como por fatores ambientais, como a escuridão da noite na Colônia, nesta hora configura-se como um ensimesmamento. Ele praticamente se concentrará em sensações corporais, muitas ligadas

aos sintomas, juntamente com certa confusão mental, como por exemplo a repetição das palavras que lhe trouxeram à consciência o seu estado. Cito trechos em sequência:

O barulho dos ventres não me deixou descansar, estrondo cavo, ininterrupto. Ao cair na esteira, achava-me tão bambo que nem conseguia entender Vanderlino e Gaúcho. A fadiga permanecia, os olhos fechavam-se. Desejo imenso de dormir. Na véspera tombara no chão como pedra, e as coisas em redor tinham desaparecido num instante. Agora o sono vinha, fugia. Às vezes me embrenhava em agoniada modorra, e logo um sobressalto me sacudia. – “Está doente.” – “Que idade tem o senhor?” – “Calcule.” – “Sessenta e cinco anos.” Essas palavras me perseguiam. [...] Um frio terrível, frio de maleita, a carne a eriçar-se, os dentes a ranger sem descontinuar. [...] Desejava com desespero o esquecimento e a imobilidade. E na hora de aquietar-me lá vinham as pontas de alfinetes impedir-me o sossego. (RAMOS, [19--], p. 366).

Misturam-se o ensimesmar-se, atitude permanente em maior ou menor grau durante sua estada na cadeia, neste momento ligado ao autocuidado com a doença e a um certo delírio em torno de palavras que revêm como ideias fixas, também elas relacionadas ao seu adoecimento. Aflora-lhe o desejo de “esquecimento e imobilidade”, algo que traduz uma certa presença da morte a buscar aceitação em seu espírito. Em seguida, Graciliano terá necessidade de ir ao mictório, e uma cena profundamente degradante de homens como fantasmas a velar em meio à noite em torno a buracos destinados à defecação lhe impacta de modo a quase não suportar.

Encostei-me à ombreira da porta, os braços e as pernas a vacilar, braços e pernas de velho. – “Sessenta e cinco anos.” A vista arruinada me iludia, e restava-me uma consciência a minguar, consciência débil de sessenta e cinco anos. A necessidade intensa despertou-me. As linhas [filas do banheiro] resignadas mexiam-se lentas. Abeirei-me de uma, entrei; a cena ignóbil dominou-me brutal, invadiu-me os sentidos. Esforçara-me por negá-la, ao menos atenuá-la; apesar da clareza, era um fato novo, inadmissível, qualquer coisa semelhante à aparição de um fantasma. Consequência da febre. Na porta, embalava-me nesta afirmação, a vista baça a espalhar-se no conjunto indeciso, evitando minúcias. (RAMOS, [19--], p. 367).

Um moribundo entre aparições, em um ambiente aviltante. Destaco a frase que sublinha o desaparecimento dos sentidos (ou da relação com o mundo, com o fora) e o esmaecimento da consciência, que ele liga à recém-descoberta “velhice”: “A vista arruinada me iludia, e restava-me uma consciência a minguar, consciência débil de sessenta e cinco anos.” A cena mais ignóbil, porém, impõe-se como uma assombração à sua consciência, e mesmo esforçando-se por rechaçá-la vê-se incapaz de fazê-lo. O processo mostra-se já como uma invasão da consciência pelo fora, pelo ambiente do qual ele com tanta pena tratara até então de defender-se.

Note-se que há aqui uma similaridade com o Capítulo 29 da Primeira Parte. Lá, como aqui, há uma convergência do narrador sobre si mesmo, enfraquecendo a dissociação entre o Graciliano narrador e o personagem, um certo isolamento do eu que paradoxalmente se mostra também por uma dificuldade de proteger-se e distinguir o que é “interno” do “externo”. Aqui ele diz: “a cena ignóbil dominou-me brutal, invadiu-me os sentidos” e o explica como “consequência da febre”; lá, ele diz: “já não me era possível saber o que estava dentro ou fora de mim”, efeito da cachaça e da ativação da memória involuntária. Aqui, no entanto, essa abertura provém da fraqueza pela doença, a revelar uma ameaça de morte; lá o relaxamento dos mecanismos de defesa, resultado do efeito do álcool, participa de um complexo ajuste do eu relacionado ao resgate das condições de escrita e sua potencial “liberdade”.

Outros modos da cachaça

Antes de concluir, é importante mostrar os outros momentos em que a aguardente aparece em *Memórias do Cárcere*. Quando Graciliano está de saída da Colônia Correccional de Ilha Grande, outra vez bebe farta cachaça. Conduzido por um soldado, ele o convence a parar em uma bodega da ilha: “Meu amigo, esta viagem me arrasa. Não posso caminhar. Vamos bater à porta de uma bodega, beber um copo de aguardente” (RAMOS, [19--], p. 435). Atravessadas negociações com as autoridades, consegue autorização para entrar num botequim próximo ao embarcadouro. Recusa o pão e o café, pede aguardente. A cena em que Graciliano satisfaz sua sede de cachaça não é desprovida de humor:

Recusei o pão e o café:

– Não quero isso. Traga um copo de aguardente.

Com um sopro de mofa, o botequineiro deu-me as costas, erguendo os ombros. Tinha graça. O sargento chamou-o, falou baixo, e o tipo foi à prateleira, pegou uma garrafa. Cheguei-me ao balcão:

– Ouça. Para não quebrar a disciplina ponha a aguardente numa xícara. É como se fosse café.

Voltei à mesa, recebi uma xícara enorme, cheia, bebi sôfrego. Pedi a segunda, a terceira, a quarta. Apesar de ter o estômago vazio, senti apenas uma ligeira turvação. (RAMOS, [19--], p. 435).

O resultado imediato dessa profusão de xícaras de aguardente é de novo o afastamento da realidade dura e, desta vez, o advento da loquacidade: “Alegre, distanciei-me da Colônia, desejei conversar” (RAMOS, [19--], p. 435).

O capítulo seguinte, em que, ao sair do botequim, Graciliano é enfiado numa pequena embarcação para rumar ao continente, novamente a aguardente se vê associada à supressão da má memória e a uma sensação de vida e potência. Extremamente debilitado fisicamente, Graciliano ainda assim “se sentia firme na oscilação” e escreve: “Hoje presumo que a aguardente suprimiu a Colônia [...], fomes, disenterias, quatro ou seis chuveiros para novecentos homens” (RAMOS, [19--], p. 438). A viagem segue em uma certa confusão mental que ele não sabe se é a embriaguez ou o entusiasmo pela saída do inferno em direção a um purgatório menos cruel.

Na quarta e última parte do livro, a cachaça volta a inserir-se nas celas, dessa vez pelas mãos da esposa de Graciliano, que consegue criar um estratagema bem-sucedido para presentear o marido com uma garrafa na data de seu aniversário (disfarça-a em meio a um rolo de algodão). Neste momento, é novamente a liberdade que advém com a cachaça, talvez pelo que há de dignidade em realizar uma transgressão, ali onde praticamente tudo é proibido.⁷

⁷ Antonio Candido, em seu conhecido ensaio sobre Graciliano Ramos, *Ficção e Confissão*, aponta este traço fundamental que é o resgate de certa humanidade por meio da transgressão, em particular nas *Memórias do Cárcere*: “Graciliano Ramos, tanto na obra fictícia quanto na autobiográfica, é um negador pertinaz dos valores da sociedade e das normas decorrentes. [...] Em *Memórias do Cárcere*, são a iniquidade da ordem vigente, incompreensíveis, contraditórias, algo fantásticas; e apenas quando infringidas dão lugar a certo fermento de humanidade” (CANDIDO, 2006, p. 86-87).

Traziam-me agora o líquido valioso e proibido. Arranjei meio de spatifar a rolha, enchi um caneco, fui pródigo. Doentes e abstêmios, os companheiros se recusaram. Pais Barreto, porém, avizinhou-se de mim numa calorosa amizade, não expressa antes nem depois disso. Num instante bebemos quase meia garrafa, e tive de ocultar o resto, fechar a porta. O tenente não se deu por achado: entrou a rondar o cubículo, esperando o momento de insinuar-se nele, indiferente às conversas literárias que fervilhavam em redor. Também me distraía. Fossem para o diabo as letras nacionais: o meu intuito era defender a garrafa. Essa propriedade fugia-me, às vezes a exigência do moço explodia, e era-me preciso descerrar a chapa de ferro, deitar nos canecos duas doses escassas, medidas:

– É necessário fazer economia.

Tolice. A sede forte de Pais Barreto obrigava-me a encharcar-me, para que ele não bebesse tudo; assim, à hora do almoço, sentia-me vago e toldado, superior aos acontecimentos, sem saber direito por que haviam juntado as mesas, numa refeição extraordinária. Melhorara-se a boia. (RAMOS, [19--], p. 510-511).

É já com humor e desenvoltura que Graciliano lida com o assédio de seu melhor amigo de ocasião, Pais Barreto, e busca defender a garrafa como a um tesouro.

À guisa de conclusão: uma política da subjetividade

Como foi possível observar ao longo destas páginas, *Memórias do Cárcere* é um livro sobre a questão ética em condições de excepcionalidade, cujas bases a aguardente vem também tensionar (ou distensionar). Os ajustes éticos que o protagonista se vê obrigado a realizar resultam em transformações em diversos aspectos do tecido literário da obra. A aguardente vem participar disso, seja para ativar a memória e a imaginação, seja como um lenitivo que permite esquecer temporariamente as condições miseráveis em que todos se encontram, provocando deslizamentos nas relações éticas em permanente processo de ajuste. Habitando um espaço físico e social estranho, habitando um corpo que se torna um ponto cego para ele e que, percebe-se pelos momentos em que isso aflora, torna-se cada vez mais irreconhecível – e mesmo inabitável, às bordas da morte –, Graciliano revê *em curso* e *em discurso* o quanto podem ser estendidas as possibilidades do humano. Neste contexto, o eu se vê cindido, dissociado nas instâncias de personagem e narrador.

Este conjunto de situações tem na base um paradoxo que decorre da própria compreensão que Graciliano Ramos tem do fazer literário, que está profundamente imbricado com o seu modo de pensar a ética e a política. Graciliano entra na cadeia decidido a escrever um livro sobre o que viverá lá dentro, e isso, para ele, significa estar aberto a conhecer tudo o que é humano, sem pré-julgamentos, sem tentar enquadrar as pessoas e situações que encontra em categorias pré-existentes ou em enredos típicos cujo início, meio e fim já são conhecidos. Trata-se, ao contrário, de colocar-se profundamente disponível ao que vai encontrar, sendo capaz de sentir espanto, nojo, revolta, fúria, uma miríade de afetos e disposições, mas também dividindo-se a si mesmo para observar os movimentos internos dessas reações, observar os processos de dessensibilização e naturalização que ele mesmo se vê obrigado a viver para sobreviver. Não basta a Graciliano ser um observador neutro do ambiente prisional, pois a matéria principal de sua escrita é aquilo que ele observa em si mesmo, é a massa móvel de sua sensibilidade. Tampouco lhe é possível simplesmente bloquear-se, embotar-se, esperar que aquilo passe para depois procurar voltar a si, o que seria um modo existencial de sobrevivência; ele precisa estar aberto e viver na pele a agressão, o abuso, a ignomínia, o vilipêndio, para poder, depois, escrever. Ao mesmo tempo, é preciso sobreviver, é preciso preservar minimamente sua sanidade física e mental, e de fato ele chega à beira da derrota nesta batalha.

Do ponto de vista político, é interessante observar que, no período em que se dedicou a escrever as *MC*, o campo político comunista e socialista via-se sob a pressão dirigista soviética pela adesão dos escritores e artistas em geral ao chamado realismo socialista, seguindo a doutrina estética conhecida como zdanovismo. Tratava-se de fazer encaixar as obras em certas fôrmas estéticas, de modo a sempre mostrar o proletário como forte, potente, rebelde, e os enredos conduzindo à vitória que fatalmente viria na teleologia comunista de então. Graciliano, embora filiado ao Partido Comunista Brasileiro, pelo qual chegou a ser eleito deputado, recusa terminantemente qualquer ingerência sobre sua escrita. Ele teria declarado diante de defensores da doutrina que “Esse Zdanov é um cavalo!” (MORAES, 2012, p. 252). Em outra ocasião, questionado se não seria possível “purificar o estilo do realismo socialista”, teria afirmado peremptório: “Não tem sentido. A literatura é revolucionária em essência, e não pelo estilo do panfleto” (MORAES, 2012, p. 253).

Não por acaso, o afeto dominante das *MC* é a *agonia*, resultado de uma profunda disputa interna entre disposições anímicas antagônicas, como foi possível observar ao longo das análises. Neste contexto poético, ético e político, a aguardente surge sobretudo como um elixir de resgate do humano, ancorado sobre um dos tantos paradoxos fundantes de sua obra. Um deles, envelhecido em cachaça, é este que Antonio Candido identifica como a peleja jamais concluída contra *o delírio e o caos*, que Graciliano reconhece e aceita, mas nunca deixa de buscar superar com sua *vontade de lucidez*:

A grande lição de Graciliano, neste sentido, reside no esforço desprendido, tanto no plano da vida quanto da criação, para forjar instrumentos que permitam construir uma linha de coerência: reconhecendo e mesmo aceitando o delírio e o caos como constantes, mas vencendo-os a cada passo pela vontade de lucidez. Pelo estilo – na arte, em que se reflete a vida profunda do espírito; pela integridade humana – na vida, em que se cruzam os fatores de desgoverno. (CANDIDO, 2006, p. 83-84).

Referências

- BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do Cárcere*: literatura e testemunho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BAUDELAIRE, Charles. *Les Paradis artificiels*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. v. 1, p. 37-50. (Obras Escolhidas).
- BENJAMIN, Walter. *Haxixe*. Tradução de Flávio de Menezes e Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em *Memórias do Cárcere*. In: BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 221-237.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*: Ensaio sobre Graciliano Ramos. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012.

PESSOA, Fernando. “Chuva Oblíqua”. In: *O Guardador de Rebanhos e outros poemas*. Seleção e introdução de Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1991. p. 50-54.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. São Paulo: Círculo do Livro, [19--]. v. 1; 2.

Recebido em: 1º de dezembro de 2018.

Aprovado em: 16 de maio de 2019.